

MANUEL FARIA

DINA

BRAGA
1961



.134.3-1 Faria, Manu
R





MANUEL FARIA FERNANDES NASCEU A 12/1/939 NA ENCANTADORA ALDEIA DE AREIAS S. VICENTE, A 7 KM. DE BARCELOS. INICIOU OS ESTUDOS SECUNDÁRIOS NO COLÉGIO MISSIONÁRIO DO ESPIRITO SANTO, NA RÉGUA, ONDE COMPLETOU O 1.º ANO. TRANSFERIU-SE, DEPOIS PARA BRAGA, CONCLUINDO O CURSO LICEAL NO COLÉGIO D. DIOGO DE SOUSA. FEZ O 1.º ANO JURÍDICO NA UNIVERSIDADE DE LISBOA, PARA NO ANO SEGUINTE SE TRANSFERIR PARA COIMBRA.

A ACTIVIDADE LITERÁRIA DE M. FARIA TEM SIDO INTENSA NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS. PUBLICOU O PRIMEIRO POEMA AOS 15 ANOS DE IDADE. DE ENTÃO, MUITOS JORNAIS REGIONALISTAS ACADÉMICOS, REVISTAS E GAZETAS LITERÁRIAS TÊM VISTO AS SUAS COLUNAS ENRIQUECIDAS COM A ERUDIÇÃO DA SUA PENA E A FINA SENSIBILIDADE DA SUA VEIA POÉTICA. JÁ REALIZOU VÁRIAS CONFERÊNCIAS, UMA DAS QUAIS FOI PUBLICADA. DENTRO EM BREVE LANÇARÁ À LUZ DA PUBLICIDADE A NOVELA — A DESTERRADA, SEGUIDA DE UM LIVRO DE CONTOS.

Manual Test

Page 1

1. The first part of the test is a written examination. This part is designed to test the student's knowledge of the material covered in the first part of the course. The questions are multiple choice and short answer.

2. The second part of the test is a practical examination. This part is designed to test the student's ability to apply the knowledge gained in the first part of the course to a practical situation. The student will be required to perform a series of tasks that are typical of the work done in the field.

3. The third part of the test is a written examination. This part is designed to test the student's knowledge of the material covered in the second part of the course. The questions are multiple choice and short answer.

4. The fourth part of the test is a practical examination. This part is designed to test the student's ability to apply the knowledge gained in the second part of the course to a practical situation. The student will be required to perform a series of tasks that are typical of the work done in the field.

5. The fifth part of the test is a written examination. This part is designed to test the student's knowledge of the material covered in the third part of the course. The questions are multiple choice and short answer.

Manuel Faria

(POEMAS)

DINA

*Quando há nobreza de pensamento,
Não há jovens, nem velhos, há homens
É para eles que eu escrevo.*

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

Nº

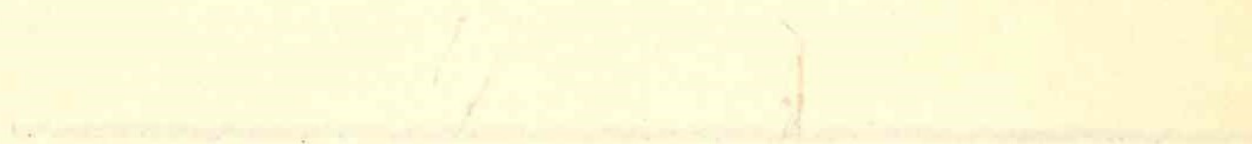
60256

*Reveree -
Barceliana*

Manuel Faria

(PROEMIO)

UNA



Quando se trata de poesia,
Não se trata de ciência,
É uma arte que se cria.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras

80222

1980-1981

À minha Querida Dininha

Homenagem do Autor

of mine Ourselves Pinks

Domestic to the

AO AUTOR

Cultiva o teu prado de verdura
Onde desabrocha o génio e cresce a esperança.
Já te afirmas um valor que não descansa
Aquém do firmamento dos poetas de estatura.

Coimbra — Fevereiro — 1961

Adolfo Rocha

NOTA

Questo è un libro di storia
che ha per titolo "La storia
della lingua italiana"
e che è stato scritto da
un autore che si chiama
"Giovanni Pascoli".

1921 - Firenze - 1921

Adolfo Rossi

ABERTURA

Se eu fosse alguém para ti, leitor,
Encontrarias, porventura, nestes versos
Um pouco de valor...
Mas eu não sou ninguém...
Ninguém para os outros,
Mas tanto para mim!...

HERBERT A.

SÃO TEUS, ESTES VERSOS

São para ti, Dina,
Estes versos.
São pobres de engenho?
Despidos de rodeios,
E de arte isentos?
Que importa?
São nobres de sentimentos.

Há coisas, que pobres,
Têm tanto valor...
Repara. Não há
Dinheiro que pague
A nobreza do Amor!

São só teus, Dina, estes versos.
guarda-os.
Grava-os bem dentro de ti.
Foste tu que mos ditaste,
Quando para mim falaste,
E eu, depois, escrevi.

SAUTER'S VERSES

THE
VERSES
OF
SAUTER
THE
POET
OF
THE
FUTURE

THE
VERSES
OF
SAUTER
THE
POET
OF
THE
FUTURE

THE
VERSES
OF
SAUTER
THE
POET
OF
THE
FUTURE

EU

Sòzinho,
Ouço a melodia silente
Que me envolve em mistério profundo.
Sinto-me preso. Culpado ou inocente?

Baixinho,
Vou falando. E, descontente,
Quero separar-me do mundo,
D'este EU torturante e penitente...

Furibundo,
Vou lutando estoicamente,
Na efêmera esperança de que a prisão
A que me condenou este EU
Terá um termo... uma consumação.

Meditabundo,
Sinto que ele me escraviza
E me escoa a ansiedade,
Enquanto no peito agoniza
O clarão da liberdade...

E penso ...
Penso em ver-me afastado
De um EU que sou eu mesmo.
Mas não consigo e, a esmo,
Prossigo na vida desolado ...

Exausto,
Desisto,
Entregando-me nos braços de morfeu,
Porque eu sem o EU não sou eu.

ÂNSEA

A ânsa de sonhar
Me escoa a dor,
A ânsa de viver
Me faz sofrer.
O amor ao sofrimento
Me dá vida
E a vida sem sonho
É um tormento!

Tormento
Que mais me faz viver
Uma vida
Que mais me faz sonhar
Um sonho
Que ameniza o sofrimento.

Sem ânsa,
Não há vida,
Nem sonho,
Nem tormento...

Sem ânsa,
Cristaliza o pensamento...

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

ANALYSIS
OF THE
ECONOMY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

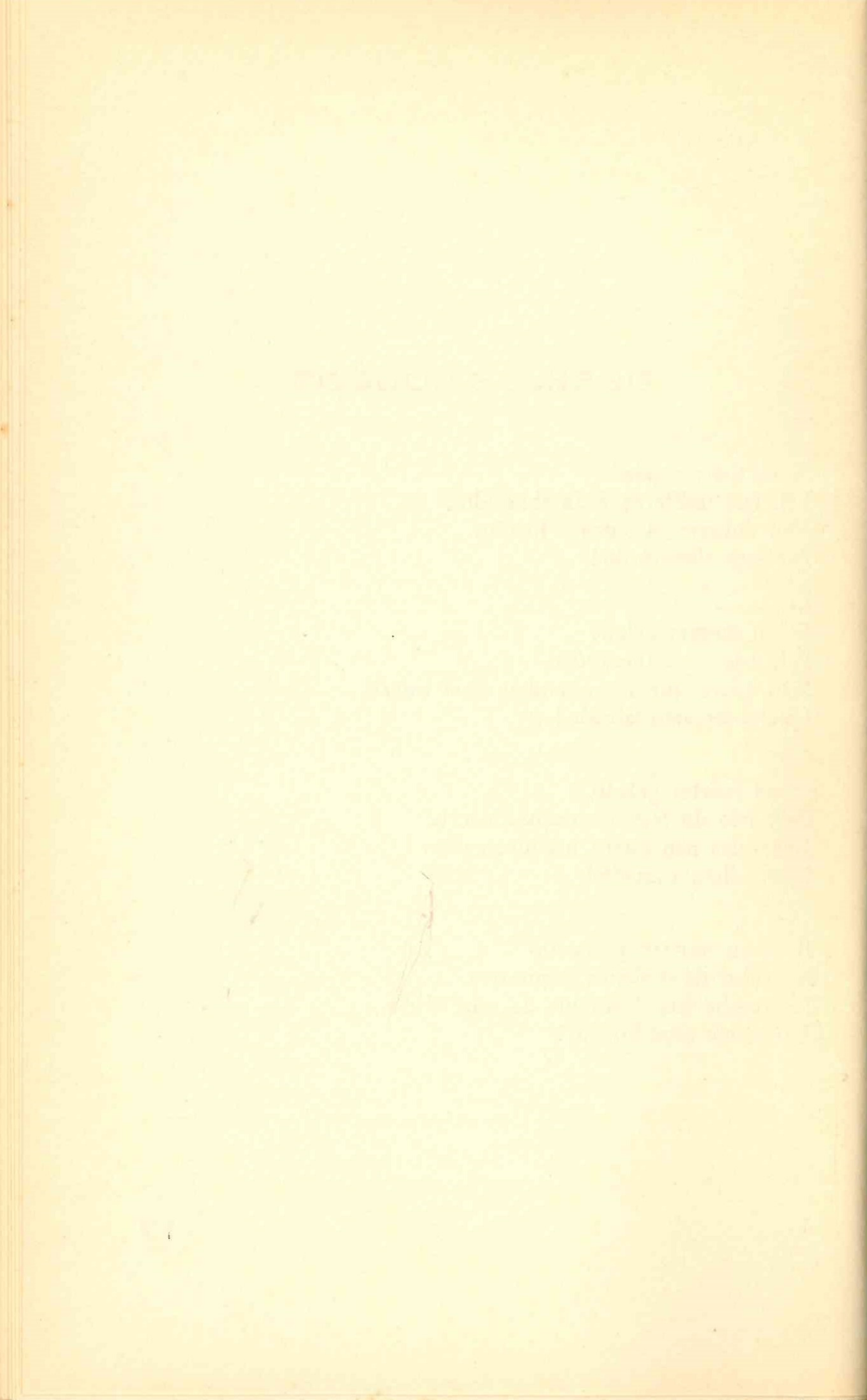
DESEJOS LOUCOS

Se eu morrer gelado
Pela fria indiferença de abastados,
Não dobrem os sinos a finados
Par este afortunado !

Se eu morrer gelado
Pela fria e vil ingratidão,
Não quero que me estendam num caixão,
Quero ser amortalhado !

Se eu morrer gelado
Pelo frio do fejo, do esquecimento,
Das velas não quero o aquecimento
Nem ofício cantado !

E, se eu morrer queimado
Ao calor da dialética pejorativa,
Na tumba fria, à sombra da cruz altiva,
Deixai-me abandonado !



ESPECTROS

Pela encosta escavada da montanha
Batida pelo vento impiedoso
Da sombra o manto tenebroso
Correndo, amortalha a natureza.
Quebra-se a linha fogueada
De um vasto horizonte. E, magoada,
Em choro convulso, geme a brisa,
Enquanto a rastejar, tão indecisa,
Vacila e treme a urze ressequida.

A voz do silêncio se propaga,
Levando à mais longínqua fraga
O segredo de mistério tão profundo...
Anoiteceu. E, nas trevas da incerteza,
Brilha o espectro do mundo :

Há ramos de arbustos partidos,
Braços de ideais perdidos
Na longa escuridão dos anos;
Há lágrimas gasificadas
Retalhos de ilusões falhadas
Na noite dos desenganos;

Há traços indefinidos
Palmilhados e seguidos
Por almas inconscientes
Na noite do desespero:

Há notas inconfidentes
De ódios incandescentes
Da humanidade devassa
Na noite do desaforo;

Há lutas encarnecidas
Entre cabeças perdidas
Por desmedido egoismo;

Há esperanças abaladas
Almas que caem fadadas
A jazerem no abismo;

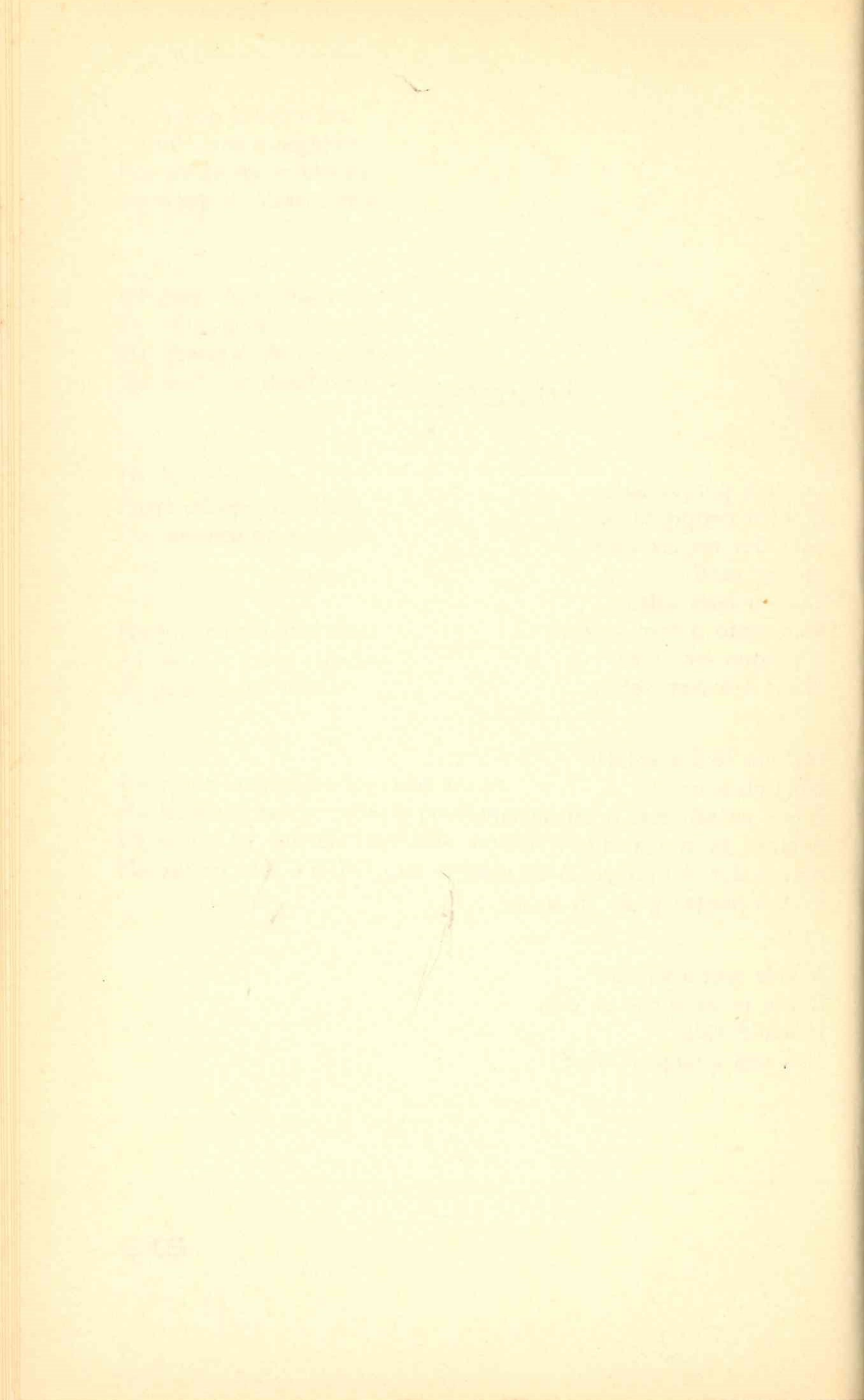
Há mãos escarpadas erguidas no ar,
Há lábios parados, cabeças pendentes,
Há vivos, há mortos, há tristes, contentes,
Há verbos sem VERBO que estão a penar!...

VIVER...

Eu vivo porque sofro
E sofro porque vivo.
Só a dor me faz viver,
Me faz sentir.
Quanto mais sofro
Mais sinto o meu viver;
E porque vivo mais
Maior é o meu sofrer.

Na luta com a solidão,
No isolamento,
É que eu saboreei o sofrimento,
A razão da minha vida...
Amo a dor porque gosto de viver
E vivo porque gosto de sofrer...

A vida sem a solidão
E sem os espinhos da dor,
Já não é vida,
Não tem qualquer sabor!



TESTAMENTO

Deixo-te
As páginas mortas de um passado
Matizadas de sincretismo sombreado
Da minha vida louca!

Deixo-te
O calor de um esforço esbanjado
Na conquista de um ideal cobiçado
Por mim inglòriamente!

Deixo-te
Os sucalcos de meus funestos passos,
Inglórios e virtiginosos braços
De fatigante jornada!

Deixo-te
Os retalhos de tantas ilusões falhadas
Que me amortalharam em longas caminhadas
De sonhos aliciantes!...

Deixo-te
O óbulo da tua insólita avareza,
Socorro de minha náufraga pobreza,
Quando à tua porta bati...

Deixo-te
Estes versos pobres que, agonizante, seguro,
A efêmera esperança de promissor futuro,
Tudo... Quanto te pedi...

SOMBRA

Outrora,
Ela era a razão da minha vida
E eu a sombra dela.
Agora,
Sou eu a razão do seu viver
E a minha sombra é ela
A correr... sempre a correr...

Já não me quer,
— Desejo vão! —
Mas se eu desaparecer
Desaparece a razão do seu viver,

Porque a minha sombra é ela
A correr... sempre a correr...

Sombra que se move e que se vê
Na sombra das sombras, na escuridão...
Quer desaparecer
— Pura ilusão! —

Enquanto eu viver, ela será
Sempre a minha sombra
E a minha vida
A razão do seu viver.

Porque a minha sombra é ela
A correr... sempre a correr...

ANSIEDADE

Sobre a areia calcinante do caminho
Palmilha a ansiedade.
Não levanta pó, esse pó da saudade,
De um passado sem história...
Apenas segue a trajectória
De uma esperança que brilhou.
Dura jornada a tua, ansiedade!
Que procuras tu?
Não me sabes responder?
Não procures mais, deixa correr
Num labirinto de dúvida, de incerteza,
O teu destino, a tua fraqueza...
Transporta-te ao passado:
Que vês? Um sol moribundo, já cansado,
De um dia de arrelias
Por tantos males ver...
Olha o presente sufocado,
Desiludido, magoado,
Por não ver, ansiedade,
O teu sonho... ser realidade!
A chama da esperança
Fraqueja lentamente.
Não caminhes mais,
Para onde vais?
Estás sedenta

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

De um amor que te atormenta,
De um sol que não brilha,
De um calor que não aquece,
De uma alma que te esquece...
Não me condenes mais, ansiedade .
Eu sei, sei que é verdade
Que do passado
Só eu, só eu sou o culpado.
Pede a essa efêmera esperança
Que me inspire confiança,
Que me ensine a dominar
Este amor aos turbilhões
Que quer ver dois corações
Unidos, de mãos postas a rezar...
Pede a pena realista
De um Eça tão artista
Para eu saber escrever...
Diz a essa mulher,
A tua chama de esperança
Que também queres ser criança,
Um órfão abandonado...
Mas não. Não peças nada
És uma alma condenada,
Errante numa vida louca
Que a atrocidade não pcupa.
Deixa essa esperança abalada
Viver sonho mais profundo ;
Deixa-a viver no seu mundo
Que um voto solene traçou...
E' um mundo que não pode ser teu,
Que jamais poderá ser o meu,
Porque tu, ansiedade, sou eu!...

TRINDADES

O Sol morria já no horizonte,
Nos soluços do mar se mergulhava.
E a água cristalina de uma fonte
Docemente aos meus pés remurejava...

O toque amortecido das trindades
Levou-me de mãos postas a rezar.
E a brisa portadora de saudades
pouco a pouco deixou de cicizar.

Os sinos de uma ermida esbranquiçada,
Repletos de paixão e poesia,
Com uma voz piedosa e magoada
Repetiam — Avé, Avé Maria...

Assim, a natureza sossegada,
Viçosa e sorridente de alegria,
Pelo toque dos sinos despertada
Parecia rezar — Avé Maria...

Ao longe, nas montanhas solitárias,
Dêbilmente essa voz repercutia,
Cortando fragas negras e lendárias,
A linda prece — Avé, Avé Maria...

Até o sol morreu como a rezar
Das trindades a doce melodia.
E o murmúrio das águas sem cessar
Balbuciava — Avé, Avé Maria...

Por fim, caindo a tarde pensativa,
Começava a fugir a luz do dia.
E eu envolto na mesma expectativa
Também rezei — Avé, Avé Maria...

E, subindo, subindo esta eufemia
Despida da algidez triste e mortal,
Acabou-se a oração da Avé Maria
Sumindo-se no Céu de Portugal!

EVOCAÇÃO

Lembras-te,
Quando juntos brincávamos na aldeia
Em noites de luar, de lua cheia,
E fazíamos rir a toda gente?

E quando o astro-rei, de manhãzinha,
Riscava nas paredes da cozinha
Os contornos dos vidros da janela,

Tu vinhas pelas sombras estiradas
Apanhar cachos de uvas das ramadas
E davas-me e comíamos contentes...

Eu falava-te das minhas aventuras
E tu, num desabafo de amarguras,
Segredavas-me a tua vida bela...

Passeávamos os dois pelos caminhos,
Qual par de namorados que os vizinhos
Rubricavam com notas confidentes...

Como eram pitorescos e tão chiques
Aqueles animados piqueniques
Que fazíamos junto à beira-rio!

Cozinhavas, brincávamos na areia,
Comíamos petiscos à mão cheia
E, por fim, eu cantava ao desafio...

Lembras-te?
Éramos, então, almas inocentes
E brincávamos ledos e contentes
Como se Deus a nós fizera irmãos...

Mas um dia... (nem quero recordar!)
Parti... deixei-te só, a meditar
Talvez nesses bons tempos de menina...

Errei por outras terras que o destino
Me traçara nos tempos de menino,
Enquanto tu cumprias tua sina

Hoje sinto que nova luz me invade,
Ao sacudir a poeira da saudade
Que juntos levantámos linda DINA!...

AUSÊNCIA

Nesta hora em que escrevo para ti
Uns versos todos feitos de incerteza,
Não queiras suportar o que eu sofri
Nem queiras descobrir minha fraqueza.

Vou recordando ausente o que vivi,
Com saudade, com mágoa e com tristeza
E vou sentindo o que jamais senti
Por não ver teus contornos de beleza.

Se mais longe de ti pudesse estar,
Mais assiduo seria o meu pensar,
Mais cruel era a minha ansiedade...

E, em te trazendo sempre em pensamento,
Cada dia afigura-se um momento,
Mas um ano parece a eternidade...

ALBION

It is a very common name for a
small, round, white, smooth
stone, which is found in
the mountains of the Alps.

The stone is very hard, and
is used for making tools
and weapons. It is also
used for making jewelry.

It is a very common name for a
small, round, white, smooth
stone, which is found in
the mountains of the Alps.

It is a very common name for a
small, round, white, smooth
stone, which is found in
the mountains of the Alps.

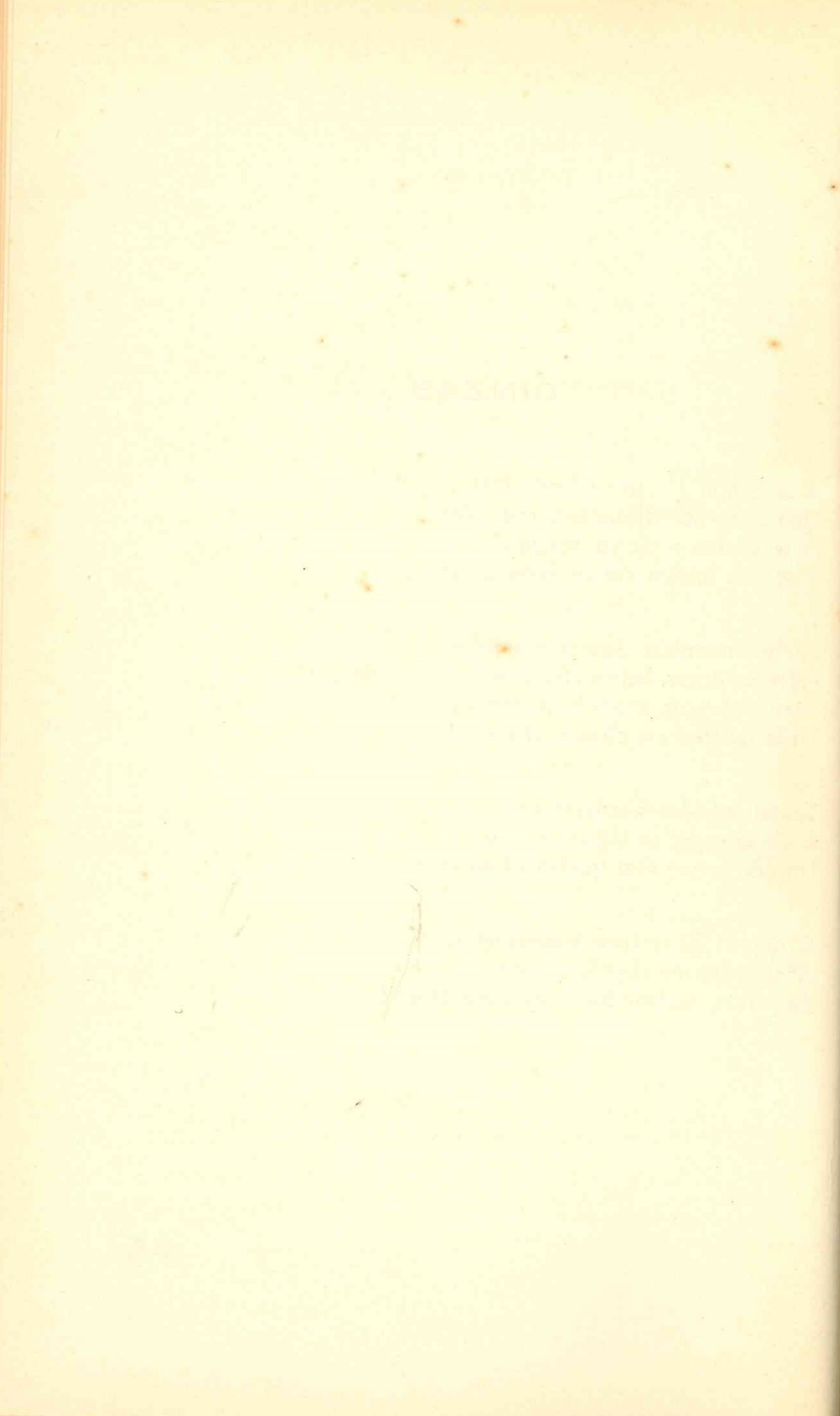
CINZAS

Já murchou e secou a linda rosa
Que entre nós difundia o seu odor,
Já se abafou a chama luminosa
E só nos restam cinzas desse amor...

Sonhos risonhos, ânsias desejadas,
Palavras doces, beijos afectivos,
Fortes abraços, mãos bem apertadas,
Tudo morreu em choros aflitivos!

Tentei suicidar horríveis ais.
E de enxugar as lágrimas leais,
Unindo o que sem queixa tu partiste...

E, depois de te amar sinceramente,
Abandonas-me ríspida e contente,
Enquanto, acabrunhado, eu vivo triste !



DESFALECIMENTO

Sinto o sangue parar nas minhas veias,
Meu pensamento andar como a loucura,
O coração flutuante em amargura
Pouco a pouco cair em mãos alheias.

Sinto a vista perder-se lentamente,
A voz do meu falar enfraquecida,
A alma do meu ser amortecida,
Sinto a vida fugir-me descontente.

Mas, enquanto este insólito tormento,
Tirânico, me ocupa o pensamento,
Ao longe, ondas do mar ouço bramindo...

Zezinha, que estão elas murmurando?
Estarão minhas mágoas lamentando,
Ou será tua voz que estou ouvindo?

DESPALCIMENTO

Uma das causas mais importantes para a
diminuição da população de São Paulo é a
migração para o interior do Estado e para
os Estados vizinhos.

Esta migração tem sido muito grande e
está aumentando cada vez mais. A causa
principal é a falta de emprego e de
educação no interior do Estado.

Para resolver este problema é necessário
criar mais empregos e melhorar a
educação no interior do Estado.

Uma das maneiras de fazer isto é
criar mais indústrias e comércio no
interior do Estado.

SIMPLICIDADE

Eu gosto do que é triste e compungente,
Dos lamentos e choros naturais,
De viver afogado num mar de ais,
Longe da sociedade, bem ausente...

Eu gosto da dor forte e fumegante
Que é símbolo da nossa Redenção,
Gosto de macerar o coração
Em espinhos de amizade palpitante.

Eu gosto do sofrer duro e cruel,
pois quero saborear o amargo fel
De que Cristo foi vítima na cruz.

Eu gosto do que é simples e modesto,
Da humildade e também do que é honesto,
De imitar meu modelo que é Jesus!

EMULCIBAD

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

DESESPERO

Amarfanhado e triste vou vivendo
Neste mundo sagaz e enganador,
Morrer, quero morrer, já não pretendo
Prazeres deste mundo sedutor.

Vivi apaixonado muito tempo
Por um corpo franzino de mulher.
Quis amá-la, porém, num morrer lento,
Vi minha paixão desaparecer.

Tudo me quis roubar: minha candura,
A paz da consciência, a formosura.
O gozo da inocência perfumada...

E com o coração acabrunhado
Pelo meu sofrimento do passado
Quero morrer... despido, sem ter nada!

TESTAMENTO

Yo, el suscriptor de esta escritura, por
mi libre voluntad y sin coacción alguna,
de mi propia y sana memoria, declaro
que esta es mi última voluntad.

Y por ende, dispongo de mis bienes
y derechos, como sigue:
Quito y lego a mi hijo, don Juan,
la mitad de mis bienes.

Y a mi hija, doña María,
la otra mitad de mis bienes.
Y a mi hijo, don Pedro, la mitad de mis bienes.

Y a mi hijo, don Juan, la mitad de mis bienes.
Y a mi hija, doña María, la otra mitad de mis bienes.
Y a mi hijo, don Pedro, la mitad de mis bienes.

PREÇO

Ingênuo, loucamente apaixonado,
Amortalhado em pérfida saudade,
Oculto sem cessar esta ansiedade
Num viver tão discreto e tão calado.

Numa doce canção ando embalado
E palmilho as sendas da verdade.
Que me importa essa tua crueldade,
Se jamais passarei como exilado?

Solitário, ouço a voz de nostalgia...
E, suspirando, adoro a melodia
Que mais sensibiliza a minha dor!

Mulher fatal, a tua rebeldia
Vai ser paga, bem paga, quando, um dia,
Custeares o preço deste amor.

PHILIP

THE PHILIP
THE PHILIP
THE PHILIP

THE PHILIP
THE PHILIP
THE PHILIP

THE PHILIP
THE PHILIP
THE PHILIP

THE PHILIP
THE PHILIP
THE PHILIP

COIMBRA

Coimbra

Das capas enlutadas
Que esvoaçam ao vento, de saudade...
Pensar em ti é sonhar contigo
Embalado em gemidos de guitarras magoadas.

Tuas velas são para mim segredos
De música, paixão, sonho e poesia...
Fugir de ti... lembra o degredo!
Ficar contigo... lembra a bigamia!...

VISÃO

Olhei os teus olhos castanhos, negros,
Que olhos fatais!
Parei em teus lábios risonhos, carnudos,
Que sensuais!

Percorri o teu rosto sedoso, trigueiro,
Que estranha cor!
Vi nele esbatido em doce estampado
Um meigo pudor,

Deslisei meu olhar por teus belos seios,
Que suavidade!
Poisei-o, sereno, nas ancas roliças,
Que ansiedade!

Desci-o pelas coxas com voluptuosidade,
Que sensação!
E caí, então, a teus pés fascinado
Em adoração!

VISION

Let us first of all consider the
the other side of the coin
and the other side of the coin
the other side of the coin

Let us first of all consider the
the other side of the coin
and the other side of the coin
the other side of the coin

Let us first of all consider the
the other side of the coin
and the other side of the coin
the other side of the coin

Let us first of all consider the
the other side of the coin
and the other side of the coin
the other side of the coin

ASAS

Sonhei,
Voei
Nas asas do pensamento.
Subi
E vi
As portas do firmamento.

De lá
Olhei
Os homens, na terra, mesquinhos.
Eram
Formigas
Débeis, minúsculos bichinhos!

Sorri
Dos avaros
Com certo ar de gracejo.
Lancei-lhes,
Depois,
Escarros maciços de pejo.

Ó homem!
Se julgas
Que és um portento,
Repara
Que és vil,
Sem asas do pensamento...

HÁ FEIRA EM BARCELOS

De manhã cedo, quando o sol ridente,
Incandescente fogueia o horizonte,
Vão camponesas com trajar modesto,
Erguendo o cesto, a descer o monte.

Carros puxados por bois pachorrentos
Caminham lentos pela estrada fora.
E a despertar p'rò dia a natureza
Com incerteza já o orvalho chora.

Apitam carros em sons estridentes
E almas contentes vão fazendo a tenda
Vindos de longe e até dos arredores,
Os compradores olham tudo à venda:

Louças de barro; panos tão garridos,
Curtos, compridos; frutas e feijão;
Nabos; batatas; cebolas; cenouras;
Juntas de touras para o regatão.

Gritam alguns a fama do que vendem
E a muitos prendem de cara pasmada
E sacudida com tal barulheira,
Pressegue a feira bem apetrechada.

Quando, à tardinha, já tudo acabado,
O sol cansado morre a soluçar,
Fazem as contas, e, em grupos passantes,
Vão os feirantes p'ra casa a cantar.

INSTANTÂNEO

Ouve! Não ouves nada?

Já sei.

Pensaste em qualquer som,

Adivinhei?

THE
OFFICE OF THE
SHERIFF OF THE COUNTY OF
SHERBORN

INSTANT

THE
OFFICE OF THE
SHERIFF OF THE COUNTY OF
SHERBORN

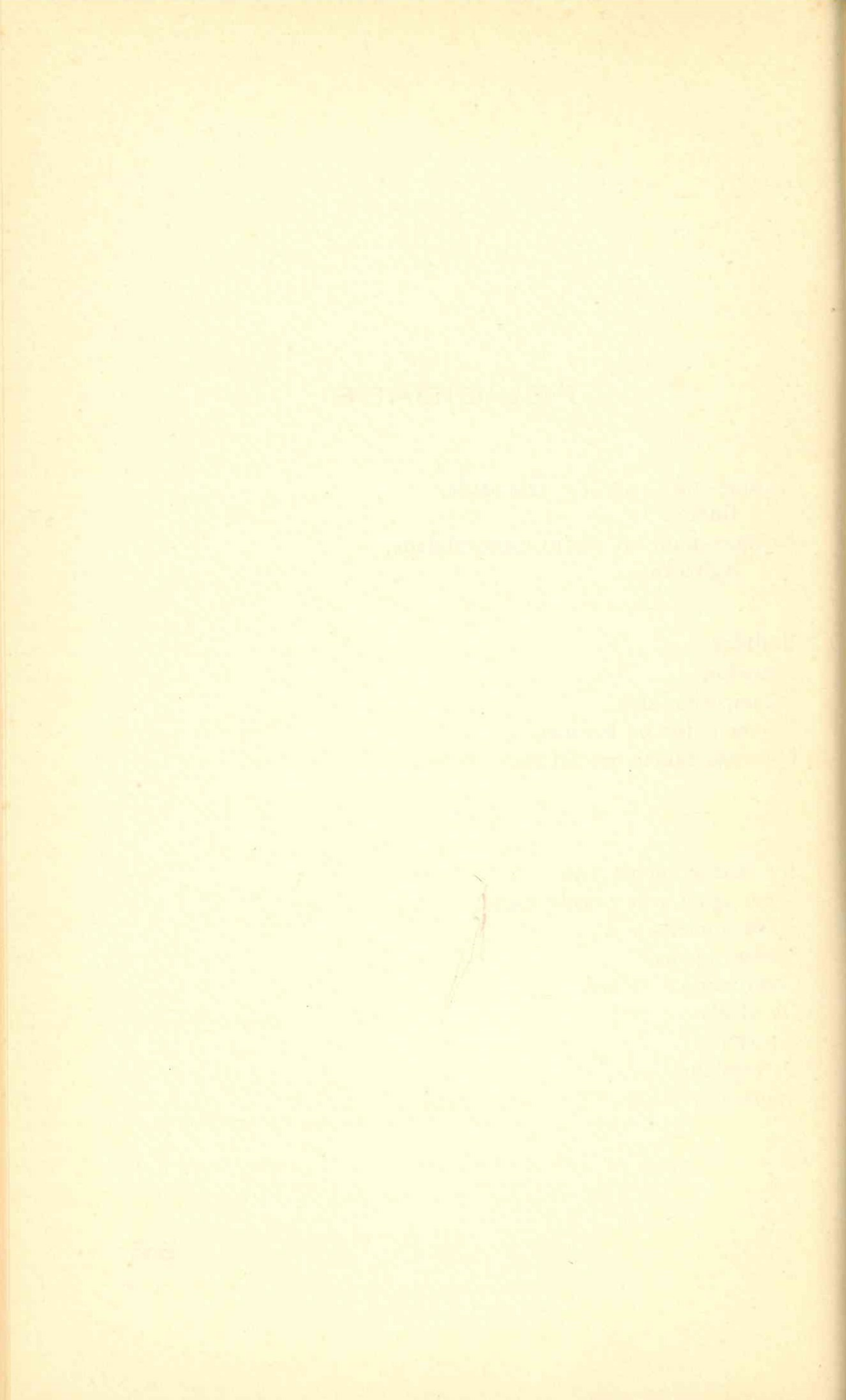
FELICIDADE

Busquei numa mulher felicidade,
Ilusão!
Busquei num vil affecto tranquillidade,
Agitação!

Iludidos,
Agitados,
Incompreendidos,
Vivem todos os homens
Que não sabem ser felizes.

* * *

Ser feliz é apenas isto :
— Ser igual a si e nada mais,
Se os homens a si
Fossem iguais,
Como seriam nobres
Os ideais
E poucos
Os espíritos
Anormais!...



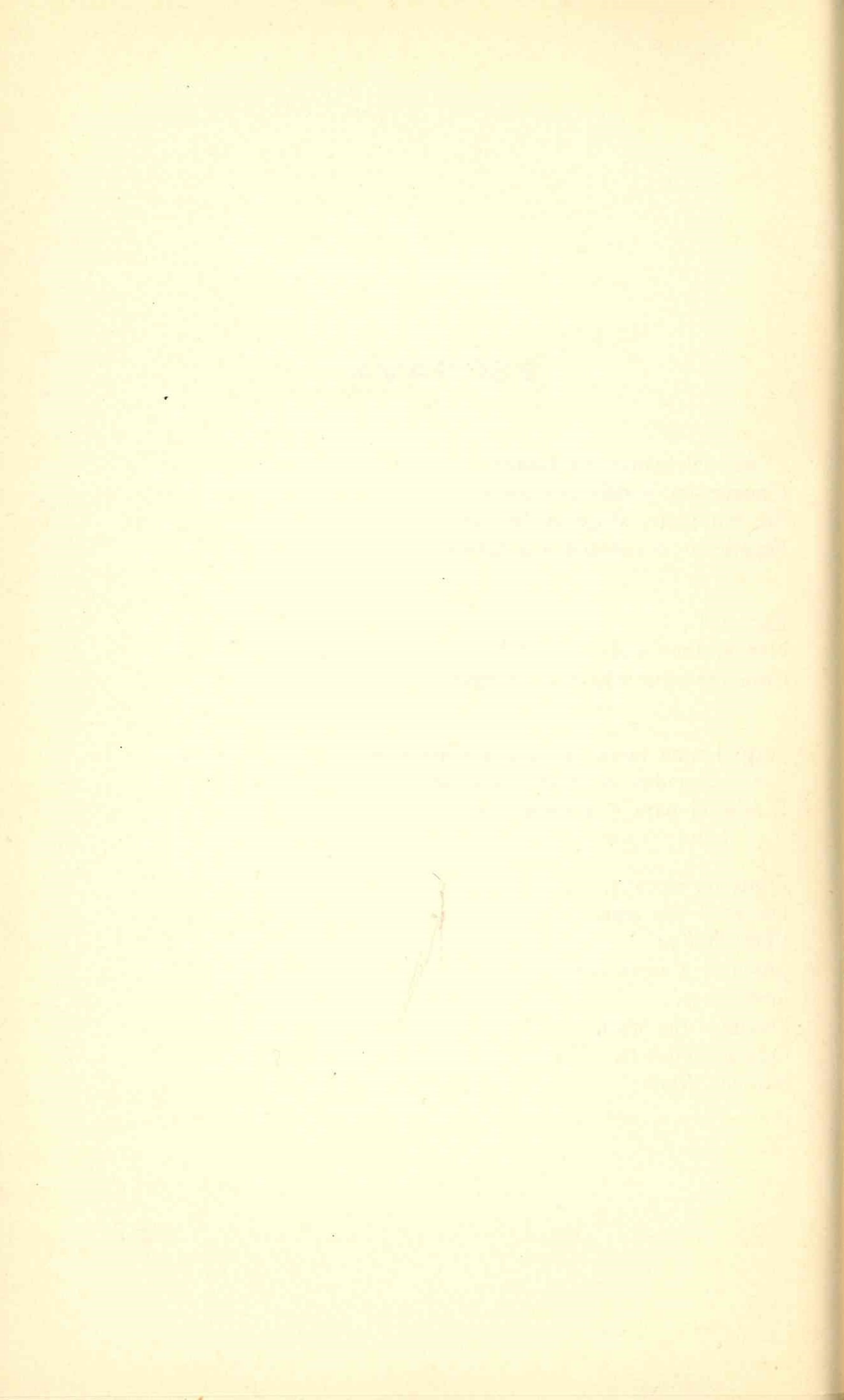
ESCRAVA

O sol calcinante, abrasador,
Caustica-te, a pele endurecida.
No teu rosto, afogado de suor,
Espelha-se o cansaço e a fadiga.

Escrava !
Não assines mais o teu labor
Com espirros salgados de suor.

Surgirá uma nova luz, outra claridade !
Serão rasgadas as trevas da miséria
E reinará para ti a liberdade...

Ergue-te, escrava,
Dá-me a tua mão.
Vem comigo
procurar a nova luz
Levanta-te,
Dá-me a tua mão.
Quero ajudar-te,
Sou teu irmão.



ACTO DE ESPERANÇA

Espero em ti Dina,
Na ternura do teu olhar,
Na negrura dos teus cabelos,
No teu melódico falar...

Espero em ti, Dina,
Na seda do teu rosto moreno
No calor dos teus lábios doces,
No teu caminhar sereno

Espero em ti, Dina,
No pudor de teus quentes beijos
Na escultura do teu corpo
No teu SIM... aos meus desejos.

O MISTÉRIO DA CRIANÇA

Escuta, ouve a melodia silente.
Pára, olha bem para este berço!
Não vês este inocente
Num angélico sono imerso?
Silêncio! Escuta atentamente...
Não vês neste sono complacente
Um sono de mistério tão profundo?
Quem sabe se é neste bercinho
Que está o destino do mundo?
Silêncio! Escuta mais um bocadinho...
Olha que ente tão sereno!
Será possível alma tão grande
Caber num corpo tão pequeno!?
Silêncio! Deixa-a dormir
É um anjo que repousa descansado
Alheio ao mundo do pecado
E a todos os males do porvir...
Silêncio! Escuta!
Deixa a tua labuta.
Anda ver este sono de criança!
Este corpo frágil, pequeninho,
É a imagem sensível de um anginho,
Silêncio! Nele... Deus descansa!...

MEDITAÇÃO

Anoiteceu!

Espreguiçam-se as sombras pela rua
Cansada do movimento ...

Anoiteceu!

Sangra um clarão vermelho a lua
Que me fere o olhar sonolento ...

Ouçó as cordas de guitarras
Sôfregas no seu vibrar,
Ouço canções, ouço farras,
Farras que me fazem chorar ...

Chorar enquanto outros cantam
Retalhos de ilusões da mocidade.
Rio, choro, canto de tristeza
Sorrio a chorar da humanidade

Não sei bem por que sou assim;
Duvido muitas vezes de que assim sou,
Mas sei para o que cá vim
E sei também que aqui estou ...

Não fui, já fui e sou agora,
Serei amanhã para depois não ser...
Mata-me a natureza a cada hora
A mesma natureza que me dá viver!

SE UM DIA...

Eu hoje sou dos pequenos, outros são os grandes.
E calcam-me com pés de inconsciência
Mas se um dia os pequenos forem grandes.
E os grandes forem pequenos,
Ai dos pequenos ! Terão de implorar clemência...

... A. W. H. ...

... the ...
... the ...
... the ...
... the ...



PONTO FINAL

Leram todos os meus versos.
Fecharam, depois, o fascículo...
E disseram os mais preversos
Com um certo ar ridículo:

— O autor é um anti-socialista,
Um fraco de coração
Um mórbido sentimentalista...

Que digam o que quiserem...
Disso... Nada sou afinal...
Apenas sou o que sou
E não aquilo que querem!...

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO NO CENTRO
GRÁFICO DE JOSÉ MARIA
SOARES DE ARAÚJO

RUA DE S. VITOR-64-BRAGA.
EM MARÇO DE 1961

biblioteca
municipal
barcelos



60256

Dina